

## A doutrina do pecado original segundo São Tomás de Aquino: a interpretação de Romanos 5,12-21\*

The doctrine on original sin according to St. Thomas Aquinas: the interpretation of Romans 5,12-21

Ricardo Figueiredo\*\*

### Resumo

A tendência dos estudos mais recentes sobre São Tomás de Aquino visa a redescoberta dos textos menos conhecidos do teólogo do século XIII. Neste sentido, o presente artigo visa estudar a doutrina do pecado original tal como São Tomás a concebe quando analisa e escarpeliza a *Carta aos Romanos* de São Paulo. Além de colocarmos o leitor em contacto com o texto de São Tomás, procuramos evidenciar também os elementos que permitem uma leitura das problemáticas que aquela doutrina faz emergir na teologia actual.

**Palavras-chave:** Tomás de Aquino. Pecado original. Carta aos Romanos.

### Abstract

The tendency of the most recent studies on St. Thomas Aquinas aims at the networks-covering of texts less known of the thirteenth century theologian.

\* Artigo recebido em 31/08/2017 e aprovado para publicação em 24/10/2017.

\*\* Doutorando Universidade Católica Portuguesa.

In this sense, this article aims to study the doctrine of original sin as St. Thomas conceives it when he analyzes and scales the *Letter to the Romans* of St. Paul. In addition to putting the reader in touch with the text of St. Thomas, we also try to highlight the elements that allow a reading of the problems that that doctrine makes emerge in today's theology.

**Keywords:** Thomas Aquinas. Original Sin. Letter to the Romans.

## Introdução

O estudo de São Tomás de Aquino nos nossos dias pode cair em dois extremos: por um lado, uma tal obsessão com São Tomás que o pretende ler naquilo mesmo que ele disse e não o vê no seu contexto nem nas problemáticas em que se enquadra. Por outro lado, um esbatimento de São Tomás na sua época, de modo que não passa de um autor colocado no museu da filosofia e da teologia, mas que pouco ou nada diz ao nosso tempo.

Um dos elementos na investigação actual que tem retirado São Tomás quer da «moldura dourada» de teólogo intocável, quer do esquecimento ou recusa, tem sido a recuperação dos comentários bíblicos do Doutor Angélico. É precisamente nesta onda de renovação dos estudos sobre São Tomás de Aquino que aqui estudamos a doutrina do pecado original a partir do *Comentário à Carta aos Romanos*<sup>1</sup>, e mais precisamente a respeito do comentário a *Rm* 5, 12-21. Além disso, comparamos o referido desenvolvimento desta doutrina com a questão sobre o pecado original no *De malo*<sup>2</sup>.

A doutrina do pecado original é muito antiga, mas está sempre necessitada de ser vista a uma nova luz, a qual também se pode encontrar em autores antigos. Assim sendo, pretendemos analisar a doutrina do pecado original à luz de um autor que fez história na teologia, a partir de

---

<sup>1</sup> Usamos a sigla *In Rom.*, seguida do capítulo (c.) e da leitura (l.). Entre parênteses rectos colocamos o número relativo ao parágrafo segundo a numeração da edição Marietti (1953). Usamos a edição bilingue latim/inglês: THOMAS AQUINAS, *Commentary on the letter of Saint Paul to the Romans* (Wyoming: The Aquinas Institute for the Study of Sacred Doctrine 2012).

<sup>2</sup> *De malo*, q. 4; na citação desta obra seguimos a forma habitual de citação de obras sistemáticas de São Tomás. Usamos a edição bilingue latim/espanhol: TOMÁS DE AQUINO, *Cuestión sobre el pecado original*, in TOMÁS DE AQUINO, *Opúsculos y cuestiones selectas*, vol. IV (Madrid: BAC 2007) 219-285. Um estudo mais aprofundado sobre a doutrina do pecado original segundo São Tomás de Aquino deveria ter em conta: o comentário ao segundo livro das *Sentenças* de Pedro Lombardo, o capítulo IV da *Suma contra os gentios*, a segunda parte da *Suma de Teologia*, e a primeira parte do *Compêndio de Teologia*. A doutrina do pecado original aparece ainda de forma esporádica em outros momentos (*III Sent.*, d. 16, q. 1, a. 1; *De ver.*, q. 25, a. 6; *In Heb.*, c. 9, l. 5) (cf. E. GARCÍA ÁLVAREZ, *Introducción a las cuestiones disputadas sobre el pecado original*, in TOMÁS DE AQUINO, *Opúsculos y cuestiones selectas*, vol. IV [Madrid: BAC 2007] 211-212).

uma obra menos conhecida, para daí procurar tirar novas formas de leitura e de abordagem do referido tema doutrinal.

## 1. Delimitação do objecto: o Comentário à Carta aos Romanos

Os comentários bíblicos medievais são peças extraordinárias da produção teológica daquela época e representam os documentos por excelência para o estudo da teologia medieval<sup>3</sup>. Com efeito, os professores de teologia das universidades medievais, quando adquiriam o estatuto de mestres, deixavam de ter como texto base para leccionação as *Sentenças* de Pedro Lombardo e passavam a comentar o texto bíblico, como grande fonte para a teologia<sup>4</sup>.

O *Comentário à Carta aos Romanos* integra-se na obra mais ampla de comentário a todo o *corpus paulinum* realizado por São Tomás de Aquino, de forma particular durante o tempo que passou a ensinar em Paris. Podemos observar dois tipos distintos de comentário bíblico: a *lectura* que diz respeito aos conteúdos da exposição do teólogo que eram apontados por algum secretário ou aluno e a *expositio* que diz respeito a um trabalho subsequente em relação à *lectura*, em que o mestre em teologia revia o texto do secretário ou aluno, corrigia, aumentava e oferecia a forma definitiva<sup>5</sup>. Assim, do comentário a todas as cartas de São Paulo (incluída a *Carta aos Hebreus* que ainda não tinha sido submetida à crítica literária, ainda que São Tomás reconheça algumas dificuldades em atribuí-la a Paulo), o texto que vai de *Rm* 1, 1 até *1Cor* 7, 14 trata-se de uma *expositio*, ao passo que o restante comentário (referido a *1Cor* 11, 1 até *Hb* 13, 25) ficou no estado de *lectura* (Cf. REVUELTA, 1971, 549).

Na presente investigação trataremos apenas do comentário a *Rm* 5, 12-21, tratando-se por isso de um segmento do texto mais amadurecido (sobre a forma de *expositio*) e, por isso, onde se pode encontrar o pensamento maduro de São Tomás de Aquino, podendo a sua redacção ser datada segundo vários autores, em diferentes períodos: P. Synave e P. Mandonnet defendem que a redacção da *expositio* se deu em 1272-73; J. de Guibert em 1265-68; H. Bouillard e P. Glorieux em 1269-1272 (Cf. J. REVUELTA, 1971, 555). A exposição a respeito dos referidos versículos (5, 12-21) estende-se por quatro leituras<sup>6</sup>.

---

<sup>3</sup> Sobre as características e a periodização dos comentários bíblicos medievais, remetemos para o nosso estudo: FIGUEIREDO, 2016, p. 21-48.

<sup>4</sup> Remetemos para a nossa obra, em que se apresentam os vários debates em relação a este tema: FIGUEIREDO, 2016, 40-42.

<sup>5</sup> Este processo encontra-se ainda descrito em B. SMALLEY, *The study of the Bible, in the Middle Ages* (Indiana: University of Notre Dame Press 1978) 201-208. (Cf. J. REVUELTA, 1971, in *Scripta Theologica* 3 (1971) 547)

<sup>6</sup> Cf. *In Rom.*, c. 5, l. 3 [406-420]: v. 12; *In Rom.*, c. 5, l. 4 [421-429]: vv. 13-14; *In Rom.*, c. 5, l. 5 [430-447]: vv. 15-19; *In Rom.*, c. 5, l. 6 [448-467]: vv. 20-21.

## 2. Estrutura da análise do tema

O tema do pecado original é introduzido por São Tomás à luz do que foi anteriormente exposto acerca dos benefícios trazidos pela graça de Cristo<sup>7</sup>. Com efeito, este pode ser o primeiro elemento que podemos retirar da leitura do Doutor de Aquino a respeito da doutrina do pecado original precisamente a partir da análise e meditação do texto bíblico: o pecado original entende-se à luz da obra da graça de Cristo. «Depois de indicar os benefícios obtidos pela graça de Cristo, o Apóstolo agora indica os males dos quais fomos libertos»<sup>8</sup>.

A partir daqui indica-se de imediato a estrutura da exposição: em primeiro lugar, trata da escravidão a que o homem estava votado (escravidão do pecado, escravidão da lei e a condenação) (Cf. *In Rom.*, c. 5, l. 3 [406]).

Em relação à escravidão do pecado, Tomás de Aquino indica dois elementos: por um lado, o pecado original e, por outro lado, os pecados futuros (Cf. *In Rom.*, c. 5, l. 3 [406]).

Em relação ao pecado original, apontam-se dois aspectos: primeiro, a história do pecado [*de processu peccati*]; segundo, a história da graça que destrói o pecado (Cf. *In Rom.*, c. 5, l. 3 [406]).

A respeito da história do pecado, São Tomás refere que se deve ter em conta, por um lado, a origem do pecado e, por outro lado, a sua manifestação (Cf. *In Rom.*, c. 5, l. 3 [406]).

A respeito da origem do pecado, deve-se assinalar o processo que originou o pecado e, em segundo lugar, a sua universalidade (Cf. *In Rom.*, c. 5, l. 3 [406]).

Em relação ao processo que originou o pecado, temos por um lado a manifestação da origem do pecado e, por outro lado, a origem da morte (Cf. *In Rom.*, c. 5, l. 3 [406]).

Esta estrutura que aqui procurámos evidenciar e que é colocada ao início deste segmento demonstra um aspecto importante, ainda que apenas formal, dos comentários bíblicos medievais: é o chamado processo de *divisio textus*, segundo o qual, a partir de uma certa divisão do texto bíblico, evidencia-se o carácter sistemático do pensamento do autor (Cf. Rossi, 1994, p. 540-544). Como se pode notar, todos os temas a serem tratados a respeito da doutrina do pecado original estão aqui evidenciados e estruturados por relações mútuas.

---

<sup>7</sup> Cf. *In Rom.*, c. 5, l. 1-2 [381-405].

<sup>8</sup> *In Rom.*, c. 5, l. 3 [406].

### 3. A origem do pecado e a sua «propagação»

Como já dissemos acima, o aspecto central para a compreensão da doutrina do pecado original segundo São Tomás de Aquino é a obra da redenção, na medida em que é por meio de um homem que veio a salvação, também foi por meio de um homem que veio o pecado, estando São Tomás a comentar *Rm 5, 12* (Cf. *In Rom.*, c. 5, l. 3 [406])<sup>9</sup>. Neste passo, Tomás invoca o debate com os pelagianos<sup>10</sup>, para quem não existia nas crianças o pecado original, que liam esta passagem no sentido em que «estas palavras do Apóstolo deviam ser entendidas a respeito do pecado actual que, de acordo com eles, entrou no mundo por meio de Adão, de modo que todos os pecadores imitam o pecado de Adão» (*In Rom.*, c. 5, l. 3 [407]). Depois de invocar a argumentação de Santo Agostinho<sup>11</sup>, Tomás estabelece que a interpretação daquele versículo deve ser: «a interpretação é que o pecado entrou neste mundo por Adão não apenas por imitação mas também por propagação, isto é, por uma origem viciada da carne» (*In Rom.*, c. 5, l. 3 [407])<sup>12</sup>. Precisamente no tratado *De malo*, na questão referente ao pecado original, São Tomás invoca esta passagem da *Carta aos Romanos* para sustentar a realidade do pecado original, juntamente com uma referência a Agostinho (Cf. *De malo*, q. 4, a. 1, s.c. 1 e 2).

Precisamente a partir deste tema, São Tomás traz para o debate o tema da origem do pecado e da sua propagação. Com efeito, partindo de Aristóteles, notará que a alma racional porque não está dependente da carne, não pode estar marcada pelo pecado original que se produz a partir dos corpos. Ora, se a alma está marcada pelo pecado original, então a propagação do pecado original não se pode dar por passagem de origem carnal (Cf. *In Rom.*, c. 5, l. 3 [408])<sup>13</sup>. Por outro lado, São Tomás assinala que, se a alma não é produzida pela semente humana, ao mesmo tempo no corpo e na alma existe já a tendência para a sua união, de modo que «na semente [*in semine*] está a virtude formativa que forma os membros corporais e os dispõe para a alma» (*In Rom.*, c. 5, l. 3 [408]).

No entanto, São Tomás reconhece que permanecem dificuldades e reconhece assim o carácter problemático da doutrina do pecado original (*In Rom.*, c. 5, l. 3 [408]). O nosso autor procura superar as dicotomias introduzidas pela transmissão carnal – tal como sustentada numa certa tradição teológica – e introduz a visão mais ampla do género humano, não a partir da vontade pessoal pela vontade do princípio da natureza humana

---

<sup>9</sup> São Tomás remete aqui para *1Cor 15, 22*.

<sup>10</sup> Na questão sobre o pecado original do *De malo*, o debate para sustentar a verdade da doutrina do pecado original estará em grande medida sustentada a partir do debate com os pelagianos: (Cf. *De malo*, q. 4, a. 1, co).

<sup>11</sup> Segundo o qual se São Paulo estivesse aqui a falar apenas dos pecados actuais, então não referia Adão mas o demónio, a quem os pecadores imitam segundo *Sab 2, 24* (cf. *In Rom.*, c. 5, l. 5, l. 3 [407]).

<sup>12</sup> São Tomás remete aqui para: *Ef 2, 3* e *Sl 51, 5*.

<sup>13</sup> Sobre se o pecado original está na alma ou na carne, veja-se: *De malo*, q. 4, a. 3.

(*In Rom.*, c. 5, l. 3 [408])<sup>14</sup>. Assim, o pecado original não tem tanto a ver com algo pessoal ou com a volúpia sexual, mas com a partilha universal do género humano: «deve ser lembrado que como os vários membros do corpo são parte de uma pessoa humana, então todos os homens são partes e, por assim dizer, membros da natureza humana» (*In Rom.*, c. 5, l. 3 [410]; cf. *De malo*, q. 4, a. 1, co). A partir desta analogia com o corpo humano, São Tomás oferece a sua noção mais ampla de humanidade, de natureza humana e, conseqüentemente, de pecado original:

O acto de pecado realizado por um membro, por exemplo a mão ou o pé, não acarreta a noção de culpa para a vontade da mão ou do pé mas para a vontade de toda a pessoa, a partir da qual como da fonte do movimento de pecado é passado para os vários membros. De forma semelhante, a partir da vontade de Adão, que foi o princípio da natureza humana, a desordem total daquela natureza trouxe a noção de culpa para todos os que obtêm aquela natureza precisamente como susceptível de ser culpada. E assim como um pecado actual, que é um pecado da pessoa, é atribuído aos vários membros por um acto da pessoa, assim o pecado original é atribuído a cada homem por um acto da natureza, que é a geração. Deste modo, na medida em que a natureza humana é obtida pela geração, então, também, pela geração é passado o defeito da natureza humana, que é adquirido a partir do pecado do primeiro pai (*In Rom.*, c. 5, l. 3 [410])<sup>15</sup>.

Podemos assinalar que o aspecto problemático trazido pelo carácter analógico do termo «pecado original» é aqui traduzido por São Tomás para a grandeza de «culpabilidade» que, se por um lado, afasta dos mal-entendidos que o conceito «pecado original» pode causar, ao mesmo tempo, introduz uma carga «psicológica» mais rica que oferece um quadro existencial mais adequado a falar de pecado original. Ao mesmo tempo, uma certa noção de «solidariedade universal», em sentido forte<sup>16</sup>, serve para São Tomás oferecer um horizonte mais amplo da noção de pecado, entendendo toda a natureza humana como corpo e portanto como mútua referência entre todos os membros da mesma humanidade<sup>17</sup>.

---

<sup>14</sup> No *De malo*, obra com características mais sistemáticas que o comentário bíblico, São Tomás assinala: «Há que ter em conta que um homem singular pode considerar-se de dois modos: um, enquanto é uma pessoa singular; outro, enquanto é parte de algum grupo» (*De malo*, q. 4, a. 1, co).

<sup>15</sup> O mesmo argumento será desenvolvido em: *De malo*, q. 4, a. 2, co.

<sup>16</sup> Dizemos «em sentido forte» porque não diz respeito apenas a uma compaixão ou a uma convívência ou piedade, mas a uma mútua dependência e unidade em relação a todos os seres humanos em razão da sua origem. De notar que São Tomás expõe com muita firmeza e com muito detalhe esta doutrina das mútuas relações em referência à natureza (cf. *De malo*, q. 4, a. 1, co).

<sup>17</sup> Com mais clareza São Tomás desenvolve no *De malo*: quer do ponto de vista singular, quer do ponto de vista de pertença a um grupo, «pode pertencer [ao homem] um acto: enquanto é uma pessoa singular, pertence-lhe aquele acto que realiza por próprio arbítrio e por si mesmo; mas, enquanto é parte de um grupo, pode pertencer-lhe algum acto que não realiza por si mesmo nem por próprio arbítrio, mas que o realiza todo o grupo ou vários do grupo ou o chefe do grupo, assim como o que faz o príncipe da cidade se diz que o faz toda a cidade, como afirmou o Filósofo [*Ethic.* 9, c. 9]» (*De malo*, q. 4, a. 1, co).

Outro elemento que permite oferecer um entendimento mais rico da doutrina do pecado original prende-se com a noção de «justiça original»<sup>18</sup>. Precisamente a introdução deste conceito oferece a compreensão da passagem do pecado por geração e, ao mesmo tempo, o fim das dicotomias que a noção de «pecado original» considerado literalmente e não analogicamente<sup>19</sup> pode causar: com o primeiro pecado de Adão perdeu-se o estado de justiça original e é precisamente este estado sem a justiça original que é passado por geração, não os outros pecados posteriores (Cf. *In Rom.*, c. 5, l. 3 [410-411]). No entanto, perdida a justiça original, mesmo pela penitência de Adão, esta não seria devolvida, assim como não seria devolvida a justiça aos descendentes, na medida em que representa apenas um acto pessoal (Cf. *In Rom.*, c. 5, l. 3 [411])<sup>20</sup>. Em suma, perdeu-se o bem da natureza humana<sup>21</sup>, a justiça original, e é isto que é passado e é isto que deve ser entendido pela expressão «pecado original».

Nos passos ulteriores, São Tomás dirimirá algumas questões menores: em primeiro lugar, volta a estabelecer, contra os pelagianos, que, sustentado em São Paulo, este afirma que entrou o pecado e não os pecados (Cf. *In Rom.*, c. 5, l. 3 [412])<sup>22</sup>; uma segunda questão, prende-se com a afirmação de São Paulo de que o pecado entrou no mundo por um homem, quando o relato do Génesis afirma que foi a mulher a primeira a pecar<sup>23</sup>.

---

<sup>18</sup> Veja-se a este respeito o debate mais profundo e apurado: *De malo*, q. 4, a. 2, III ob. e III ad.

<sup>19</sup> Para o ultrapassar dos impasses que comumente se geram a respeito da doutrina do pecado original, parecidos de particular importância postular esta noção do carácter analógico da noção de «pecado original». Como temos vindo a assinalar a respeito do tratamento do assunto oferecido por São Tomás, é importante que não se confunda «pecado original» com uma espécie de «pecado actual», o que seria destrutivo para esta doutrina. Este carácter *analógico*, este *ser como* está muito claro em Tomás: «o pecado do primeiro homem é como o pecado comum de todos» (*De malo*, q. 4, a. 1, co).

<sup>20</sup> Aqui fica patente de forma particular a tensão interna da noção de pecado original, entre a dimensão pessoal e a dimensão comunitária/corporativa que foi entendida anteriormente; isto mesmo se aplicará ao entendimento da prole originada a partir dos redimidos: têm pecado original ou não? São Tomás remete para a grandeza corpórea (carnal) pela qual é transmitida a culpa, de modo que também nos filhos dos baptizados se continua a gerar o pecado original (cf. *In Rom.*, c. 5, l. 3 [420]).

<sup>21</sup> Deve ser cuidadoso o tratamento deste assunto, para não se cair em reprovações exageradas a respeito da natureza humana que, de algum modo, poderiam conduzir a um pessimismo antropológico. Com efeito, afirma São Tomás: «A nossa carne, na sua natureza, é boa, mas, enquanto está privada da justiça original pelo pecado do primeiro pai, é causa do pecado original» (*De malo*, q. 4, a. 1, ad. 6).

<sup>22</sup> Contra os pelagianos que sustentavam que não havia pecado original nas crianças.

<sup>23</sup> São Tomás remete para a Glosa, segundo a qual há duas razões para tal afirmação de Paulo: por um lado, está-se a fazer a história do pecado, a qual se faz a partir do homem; em segundo lugar, porque a mulher foi tirada do lado de Adão, então o que se atribui a ela atribui-se também a Adão (cf. *In Rom.*, c. 5, l. 3 [414]); São Tomás não se inibe de apresentar a sua própria compreensão, a qual apresenta a partir da noção de geração: o sémen masculino era para São Tomás a causa formal da nova vida que ia surgir e a mulher apenas a causa material (sobre a noção de reprodução humana em São Tomás veja-se: *De mal.*, q. 15, a. 2, co; *STh.*, II-II, q. 153, a. 3, ad 1), pelo que a passagem da condição do pecado original acontecia assim pela causa formal, pelo que «se Adão não tivesse pecado, mas apenas Eva, o pecado não havia passado para os seus descendentes» (*In Rom.*, c. 5, l. 3 [414]); isto sustenta a compreensão cristológica: «Esta é a causa pela qual Cristo não contraiu o pecado original, porque ele tomou a carne apenas da mulher sem a semente masculina» (*In Rom.*, c. 5, l. 3 [414]). São Tomás retomará este tema em seguida, de forma mais aprofundada: cf. *In Rom.*, c. 5, l. 3 [419]. Cf. ainda *De malo*, q. 4, a. 6.

#### 4. Relação entre pecado original e morte

Outro tema importante na compreensão da doutrina do pecado original em São Tomás será a correlação entre pecado original e morte. Neste sentido, o Doutor de Aquino começa por reconhecer que pode parecer que a morte não advenha do pecado mas da natureza humana. Neste sentido, afirma que há duas formas de compreender a natureza humana: por um lado, a partir dos princípios estruturais, e neste sentido a morte seria natural (Cf. *In Rom.*, c. 5, l. 3 [416]). Por outro lado, a natureza pode ser considerada a partir daquilo que a providência divina tinha projectado para ela: «esta justiça era o estado no qual a mente humana estava sob Deus, e os poderes inferiores estavam sob a mente, o corpo sob a alma, e todas as coisas externas sob o homem» (*In Rom.*, c. 5, l. 3 [416]).

Deste modo, Deus queria dar à alma incorruptível um corpo incorruptível, o que acontecia precisamente porque aquele estava sob o mandato daquela (Cf. *In Rom.*, c. 5, l. 3 [416]). Porque o homem se voltou de Deus para o pecado, então os poderes inferiores deixaram de estar sob o comando da alma incorruptível e «consequentemente, ele tornou-se sujeito à morte por causas intrínsecas e à violência por razões externas» (Cf. *In Rom.*, c. 5, l. 3 [416]).

A morte surge assim, segundo o entender de São Tomás a respeito da passagem de *Rm* 5, 12, como consequência do pecado. Ambos os temas estão em coordenação a partir da universalidade, a qual é mais óbvia quando entendida a respeito da morte, se bem que também a respeito do pecado (Cf. *In Rom.*, c. 5, l. 3 [417]). Está assim como que oferecido um outro horizonte para o entendimento do pecado original, além da culpabilidade: a experiência da morte.

A partir de *Rm* 5, 13-14, São Tomás introduzirá o tema da *lei*. Com efeito, esta pode referir-se quer à lei natural quer à lei de Moisés, mas sempre na medida em que «a lei não remove o pecado, mas produz o conhecimento do pecado que anteriormente não era conhecido» (Cf. *In Rom.*, c. 5, l. 4 [423]). Precisamente a partir da lei, a fraqueza é conhecida e é introduzida a interpretação da morte espiritual, isto é, o pecado ou a danação eterna, pelo que é à luz da noção de lei que se compreende a própria morte introduzida pelo pecado original (Cf. *In Rom.*, c. 5, l. 4 [424]): torna-se manifesta, mas existia a morte mesmo antes da lei (Cf. *In Rom.*, c. 5, l. 4 [428]). Mais à frente, São Tomás retomará o tema da lei, a respeito do segmento *Rm* 5, 20-21. Com efeito, se a lei é manifesta, ela, contudo, não torna patentes as intenções de Deus quando dá a lei (Cf. *In Rom.*, c. 5, l. 6 [450]). Ao mesmo tempo, se oferece a medida para o homem se examinar, ao mesmo tempo e consequentemente, a lei é um instrumento para tornar o ser humano mais humilde (Cf. *In Rom.*, c. 5, l. 6 [460]). Mas mesmo nesta análise a respeito da lei, São Tomás aponta sempre para Cristo, como medida suprema do seu pensamento: Jesus é

quem dá a graça, ele é a justiça e é quem dá a vida eterna (Cf. *In Rom.*, c. 5, l. 6 [467]).

## 5. A história da graça [*de progressu gratiae*]

Como já referimos anteriormente, é à luz da vida da graça e da instauração da graça de Cristo que São Tomás oferece a melhor leitura a respeito da doutrina do pecado original. Neste sentido, a partir da meditação a respeito de *Rm* 5, 15-19, introduz-se o tema da graça.

Após estabelecer a estrutura da sua exposição (Cf. *In Rom.*, c. 5, l. 5 [430]), São Tomás começa por referir que não se deve comparar o poder do pecado de Adão ao poder da graça de Cristo: «a eficácia do delito de Adão não deve ser considerada igual à eficácia do dom de Cristo» (*In Rom.*, c. 5, l. 5 [431]). Na verdade, «a razão é que o pecado veio da fraqueza da vontade humana, mas a graça veio da imensidade da bondade divina, que é manifesta à vontade humana, especialmente na sua fraqueza» (*In Rom.*, c. 5, l. 5 [431]), assim «o poder da graça excede todo o pecado» (*In Rom.*, c. 5, l. 5 [431]). Neste sentido, se pelo pecado de Adão entrou o pecado no mundo e marcou todo o género humano, muito maiores serão os efeitos da graça de Cristo (Cf. *In Rom.*, c. 5, l. 5 [432]). Se *superabundou* a graça, isto significa que «a graça de Deus procedeu de tal modo não apenas para apagar o pecado em que se incorreu desde Adão, mas também para remover os pecados actuais e conceder muitas outras bênçãos» (*In Rom.*, c. 5, l. 5 [433])<sup>24</sup>.

A mesma ideia será enfatizada por São Tomás, a partir de três elementos: primeiro, a graça abundou não só porque redimiu o pecado de Adão, mas porque os efeitos da redenção de Cristo foram muito maiores e muito além (Cf. *In Rom.*, c. 5, l. 5 [436]), nomeadamente não só a respeito do pecado original e dos pecados actuais, mas também no poder da graça para prevenir os pecados futuros (Cf. *In Rom.*, c. 5, l. 5 [437]). Com efeito, se o pecado produz a condenação, a graça produz a justificação (Cf. *In Rom.*, c. 5, l. 5 [439]). Cristo oferece a participação na vida eterna, mas esta participação surge precisamente como dom, como oferta (Cf. *In Rom.*, c. 5, l. 5 [441]).

Após esta exposição, e tal como aconteceu anteriormente quando se assinalou a relação entre pecado original e morte, agora São Tomás relaciona este progresso da graça e a realidade da morte. Com efeito, os redimidos por Cristo estão redimidos *de facto*, mas a morte continua a acontecer (Cf. *In Rom.*, c. 5, l. 5 [443]). Para explicar esta realidade, introduz o tema da *obediência* e da *soberba* (Cf. *In Rom.*, c. 5, l. 5 [446])<sup>25</sup>.

<sup>24</sup> São Tomás remete para *2Cor* 9, 8.

<sup>25</sup> São Tomás, a partir de algumas passagens bíblicas (*Sir* 10, 13 e 21) tem necessidade de demonstrar como a soberba é uma desobediência: «o primeiro passo da soberba consiste num não querer do homem em estar sujeito aos preceitos de Deus, o que pertence à desobediência» (*In Rom.*, c. 5, l. 5 [446]).

Com efeito, «a obediência de Cristo consistiu na aceitação da morte para nossa salvação de acordo com a vontade do Pai» (*In Rom.*, c. 5, l. 5 [446]) e «a obediência procede do amor que Ele tinha pelo Pai e por nós» (*In Rom.*, c. 5, l. 5 [446]).

## Conclusão

O percurso por nós aqui empreendido foi bastante breve, ao mesmo tempo que procurou alargar ao mesmo tempo os horizontes a respeito da doutrina do pecado original. Como referimos na introdução, era nossa intenção visitar um tema antigo à luz de um autor também antigo, procurando retirar *coisas novas e coisas velhas*. Ler São Tomás de Aquino à luz dos conhecimentos e das questões actuais permite encontrar novas respostas. Compendiamos aqui alguns dos elementos essenciais que encontrámos na presente investigação:

Em primeiro lugar, São Tomás apenas concebe a doutrina do pecado original à luz da doutrina da graça de Cristo. Reparemos que isto é um excelente remédio contra qualquer pessimismo antropológico, ao mesmo tempo que oferece a justa medida para a compreensão da doutrina do pecado original<sup>26</sup>. No mesmo sentido, não deixa de estar consignada uma centralidade cristológica que alavanca as dificuldades que vão surgindo. Um entendimento da doutrina do pecado original à luz da doutrina da obra da redenção é um aspecto essencial para a manutenção da noção de pecado original. Outro aspecto que é essencial prende-se com o próprio estilo e a chave hermenêutica oferecida pelo estilo do comentário bíblico: São Tomás faz emergir esta mútua dependência entre pecado original e a obra da redenção pela própria sequência com que o Apóstolo Paulo trata os temas. Deste modo, o regresso a este tipo de texto medieval é uma mais-valia para a compreensão teológica.

Em segundo lugar, foi relevante a compreensão real que São Tomás pretendia dar ao pecado original. Este pode ser o elemento mais relevante para o diálogo pastoral. Com efeito, a compreensão que muitas pessoas têm a respeito do pecado original muitas vezes prende-se, por um lado, com uma conotação com a sexualidade ou, por outro lado, com uma recusa radical desta doutrina, relegando-a ao esquecimento. A acentuação analógica, a intuição corporativa da humanidade e a correlação com a culpabilidade e com a ausência da justiça original, são elementos que podem permitir que a doutrina do pecado original se afaste dos becos sem saída onde tantas vezes se enfeudou. Não deixa de ser relevante assinalar que estes dados que permitem uma resposta adequada sobre a doutrina do

---

<sup>26</sup> «A doutrina do pecado original é, por assim dizer, “o reverso” da Boa-Nova de que Jesus é o Salvador de todos os homens, de que todos têm necessidade da salvação e de que a salvação é oferecida a todos, graças a Cristo. A Igreja, que tem o sentido de Cristo [cf. *1Cor* 2, 16], sabe bem que não pode tocar-se na revelação do pecado original sem atentar contra o mistério de Cristo» (*Catecismo da Igreja Católica*, n. 389).

pecado original estejam já presentes num autor do século XIII e tantas vezes esquecidos.

Em terceiro lugar, e em correlação com os dois anteriores, é o relevo dado à doutrina da graça de Deus. Isto é importante porque oferece a justa medida entre o contributo humano e a oferta da graça de Deus. Permite o justo equilíbrio e a justa tensão entre a colaboração humana e a virtude da graça de Deus.

Finalmente, um apontamento a respeito de algumas reservas críticas. Alguns elementos são bastante frágeis de serem sustentados hoje em dias, sobretudo em algumas explicações fisicistas a respeito da propagação do pecado original por geração. São elementos frágeis que, no entanto, têm de ser lidos no conjunto da obra tomista, e contextualizados. Não retiram, em nada, o relevo do contributo de São Tomás e do seu *Comentário à Carta aos Romanos* para uma renovada compreensão da doutrina do pecado original.

## Referências

### **1. Obras de São Tomás de Aquino**

THOMAS AQUINAS, *Commentary on the letter of Saint Paul to the Romans* (Wyoming: The Aquinas Institute for the Study of Sacred Doctrine 2012).

TOMÁS DE AQUINO, *Cuestión sobre el pecado original*, in TOMÁS DE AQUINO, *Opúsculos y cuestiones selectas*, vol. IV (Madrid: BAC 2007) 219-285

### **2. Outra bibliografia**

*Catecismo da Igreja Católica* (Coimbra: Gráfica de Coimbra 2000).

FIGUEIREDO, R., *A caridade divina em São Tomás de Aquino segundo o Comentário ao Evangelho de São João* (Lisboa: UCE 2016).

GARCÍA ÁLVAREZ, E., *Introducción a las cuestiones disputadas sobre el pecado original*, in TOMÁS DE AQUINO, *Opúsculos y cuestiones selectas*, vol. IV (Madrid: BAC 2007) 211-215.

REVUELTA, J., *Los comentarios biblicos de Santo Tomas*, in *Scripta Theologica* 3 (1971) 539-579.

ROSSI, M. M., *La divisio textus nei commenti scritturistici di san Tommaso d'Aquino: un procedimento solo esegetico?*, in *Angelicum* 71 (1994) 537-548.

SMALLEY, B., *The study of the Bible, in the Middle Ages* (Indiana: University of Notre Dame Press 1978).